

comprando outras livrarias e editoras: a Azevedo, só para ficar com a *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, e a *Gramática Portuguesa*, de Alfredo Gomes. Tinha os livros didáticos de Felisberto de Carvalho; comprou os de João Kopke, concorrentes daqueles. Quando adquiriu a Livraria Mellilo, de S. Paulo, vieram às suas mãos *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e sua *Gramática*. Comprou o Laemmert, em 1905, e recebeu *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Pertenceram-lhe as gramáticas de João Ribeiro, de Júlio Ribeiro e de Maximino Maciel; a *História do Brasil*, de João Ribeiro, e a de Joaquim Maria de Lacerda, a *Geografia* deste, os compêndios de *Aritmética*, de Trajano, como a sua *Álgebra*; a *Aritmética*, de Viana; a *Taboada*, de Póvoas Pinheiro; os livros de Abílio César Borges e os de Hilário Ribeiro. Só a *Cartilha* de Tomás Galhardo tirou mais de trezentas edições. Isso sem falar no *Coração*, de Edmondo de Amicis, traduzido por João Ribeiro; nos *Contos Pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Neto; nas *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac; no *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Alves editou, finalmente, obras literárias, nos fins do século XIX e no século XX: romances de Afrânio Peixoto, de Júlia Lopes de Almeida; livros de Coelho Neto, de Osório Duque Estrada, de Medeiros e Albuquerque, de Tobias Monteiro, de Rodrigo Otávio; a *História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; as obras de Clóvis Beviláqua; as *Poesias*, de Olavo Bilac. Quando faleceu, em 1917, deixou sua fortuna à Academia Brasileira de Letras.

* A distribuição dos jornais — e, também, ainda que menos, a de livros — dependia, entretanto, da escassa rede de comunicações terrestres e marítimas, e do insipiente serviço de Correios. Não havia, até 1825, serviço postal para o interior: a correspondência oficial era portata por milicianos, os particulares serviam-se de portadores ocasionais e, muitas vezes, cotizavam-se para custear um correio para as suas necessidades; era a época dos “próprios”, pessoas especialmente encarregadas de levar correspondência a alguém. Serviço público mesmo, só entre S. Paulo e Santos, e daí à Corte, por via marítima. A necessidade fez surgir, logo, porém, a pedido da Câmara de Itu, em 1825, a primeira linha de Correio no interior: de 10 em 10 dias, os agentes a pé, chamados pedestres, ganhando 240 réis diários, usando farda e espada, pois estavam sujeitos a assaltos, faziam o giro Sorocaba-Jundiaí-São Carlos-Itu. Em 1833, o serviço se desdobrou, surgindo as linhas S. Paulo-Sorocaba, S. Paulo-Itu (via Jundiaí), e S. Paulo-Campinas. Os sacos eram fechados a cadeado e, finalmente, a insegurança determinou o arrendamento do serviço. Em 1856, as linhas faziam-se de 5 em 5 dias, e se multiplicavam. Em 1867, enquanto se inaugurava, em Campinas, o primeiro locomóvel a vapor — o da fábrica de chapéus dos irmãos Bierren-